

Apresentação: Comunicação, Cartografia e Cartógrafos

Editores Convidados

Lucrecia D'Alessio Ferrara (PUC-SP)

João Damasio da Silva Neto (UFU)

Marlon Santa Maria Dias (Unochapecó)

Luísa Schenato Staldoni (Unisinos)

Em 2023, a revista *Questões Transversais* lançou uma chamada convidando pesquisadoras e pesquisadores a encaminharem textos que tratassem do tema “cartografia”, prioritariamente na intersecção com questões comunicacionais. A ideia surgiu devido ao notável interesse da área: o termo cartografia não aparece, apenas, com certa recorrência em títulos de trabalhos acadêmicos, como também é apresentado, na condição de método ou procedimento metodológico, em um conjunto de pesquisas realizadas na última década.

A emergência do termo na Comunicação não é um fenômeno isolado, afinal, a cartografia também tem aparecido em trabalhos de outras áreas, como Psicologia, Educação, Letras, Artes Visuais, Arquitetura, Sociologia, Antropologia, Relações Internacionais etc. Tais apropriações, como criticam alguns geógrafos, precisam ser observadas com atenção para que não naturalizem a existência dos mapas. Estes dão a ver as relações de poder e de saber de seus contextos e de suas condições de produção. Diante disso, o próprio objetivo do dossiê foi justamente compreender como a cartografia tem sido estudada e refletida nas investigações em nossa área.

Dicionarizado, o vocábulo cartografia é o estudo ou representação da realidade de forma gráfica ou cores de distintos matizes capazes de criar códigos que, utilizados em vários sistemas, apresentam significados estabelecidos e reconhecidos internacionalmente. Com esses sentidos, a cartografia pode ser (e tem sido) utilizada em várias disciplinas, porque seu significado essencial é representar sentidos que, de domínio comum, são utilizados de modo geral e ordenado.

Porém, para a área da Comunicação, a cartografia é, mais do que código, uma representação pois, como quer Gilles Deleuze, a cartografia atua como personagem à qual atribuímos papéis ou funções. Como função representativa, a cartografia é, para a Comunicação, uma pergunta à procura de uma resposta; uma pergunta que nos leva a refletir sobre a própria comunicação. Daí a pergunta desse dossiê: há uma cartografia comunicativa? Ou a comunicação é um espaço construído por possíveis respostas cartográficas?

Enquanto possibilidade, a cartografia da comunicação não é falar da comunicação para desempenhar simples função comunicativa. Mas de que função falamos? Qual é a função da cartografia quando se refere a um deslocamento psicogeográfico como propõem Guy Debord e os situacionistas ao sugerirem um modelo cartográfico de descoberta da sociedade do espetáculo? Qual a função da cartografia como sinalização dos lugares da psicosfera como propõe Milton Santos? Ou a cartografia tem a ver com a deriva de um *flâneur* descomprometido, mas atento aos desafios da cidade moderna, como propõe Walter Benjamin em uma dialética da imobilidade? Ou seria, ainda, uma pergunta estratégica para investigar ou surpreender a cidade como local expressivo das diferenças, como propõe Deleuze? Embora em todos esses autores seja possível encontrar traços comunicativos, mediativos e interativos, que interessam a uma epistemologia da comunicação, quais seriam os papéis ou funções da cartografia a que se referem esses autores?

Essas funções só se deixam apreender quando pesquisamos a própria diferença do modo de comunicar. Nos possíveis modos de ser comunicação, a cartografia pode ser reduzida a uma esquiva pergunta a exigir respostas, que a pluralidade de artigos que compõem esse dossiê pode explicar.

A leitura dos artigos que se apresentam exige o olhar atento às respostas referenciadas pelo modo como se produz cartografia, ou melhor, pelo modo como se entende o desafio proposto pelo tema do dossiê ou pelo modo como se cartografa o espaço, entendido como meio comunicativo. Nesse sentido, a cartografia se registra na comunicação, mas se apresenta como um desafio a ser desvendado.

Nesse jogo, a comunicação pode ser produzida pela eficiência do modo como se cartografa, tendo em vista um modo de produzir conhecimento; dessa forma, a cartografia é um roteiro metodológico para produzir respostas tão comunicantes, quanto a argúcia da comunicação produzida. Ou seja, como modelo, a cartografia ensina caminhos que, reproduzidos, multiplicam-se entre várias perguntas à procura de uma mesma resposta.

Porém, e também fazendo perguntas, a cartografia da comunicação pode desenhar-se entre índices que, associados, levam à curiosidade que procura descobrir aquilo que pode não estar explícito ou registrado na comunicação, mas dele fala, quando propõe respostas inusitadas que realçam as perguntas sutis feitas pela comunicação. Nesse sentido, as cartografias se destacam daquele modelo de sentido metodológico, para deixar-se ver como heurística epistemológica, atenta ao prognóstico feito por Alfred Korzybski: o mapa não é o território.

Diante de um grande número de submissões – o que não deixou de nos surpreender positivamente – optamos por dividir o dossiê em duas partes, publicadas nas edições 2023/2 e 2024/1. Foram selecionados 19 textos, aprovados em processo de avaliação cega, que discutem variadas dimensões do tema, a partir de objetos distintos e referenciando epistemes igualmente diversas. O objetivo do dossiê não é esgotar a discussão, tampouco indicar modelos protocolares para a cartografia. Pelo contrário, apresentamos alguns pontos de vista e lançamos perguntas cujas respostas, esperamos, nos ajudem a compreender a contribuição epistemológica da cartografia às investigações das Ciências Humanas e Sociais e, especificamente, da Comunicação.

Por fim, agradecemos à equipe editorial de QT pela acolhida da proposta e pelo apoio em todo o processo, aos avaliadores, cujos pareceres foram fundamentais para a seleção e qualificação dos textos e, especialmente, às autoras e autores dos textos, cartógrafos que contribuíram para o sucesso desse desafio coletivo.